

O USO DOS VERBOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Juliana Bertucci Barbosa¹

julianabertucci@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

As línguas existem para que possamos nos comunicar uns com os outros. O objeto de nossa comunicação é o mundo, mais precisamente nosso mundo: coisas, pessoas, lugares, idéias etc. e suas relações, sejam essas naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginadas. A língua neste contexto é, ao mesmo tempo, um sistema de classificação e um sistema de comunicação, pois é necessário que, primeiramente, identifiquemos *as coisas* de que queremos falar (designar pessoas, lugares, acontecimentos etc) para depois podermos nos expressar.

O desenvolvimento da linguagem se sustenta, por um lado, em uma estrutura geneticamente determinada (teoria gerativista) e, por outro, em um estímulo verbal que depende do ambiente.

Na criança, durante o período inicial da produção de sons, o primeiro processo é o balbúcio, ou a repetição incansável de sons, vocalização aparentemente ocasional. Em seguida, com aproximadamente um ano de idade, as primeiras palavras começam a aparecer, o vocabulário cresce de forma rápida, principalmente na segunda metade do segundo ano de vida. Depois, em torno dos dois anos, a criança é capaz de construir sentenças novas com preposições, plurais, formas verbais (primeiro presente e pretérito), interrogações e negativas.

Com base nessas etapas de evolução da linguagem na criança e considerando o verbo como o núcleo oracional (cf. Tesnière, 1965; Borba, 1996) verificaremos, neste

¹ PG – Unesp/Araraquara.

trabalho, o uso dos verbos e o seu desenvolvimento ao longo desse processo de aquisição de linguagem.

Partiremos da hipótese que os textos (falados ou escritos) são constituídos de frases, e que estas, por sua vez, têm como núcleo sintático-semântico o sintagma verbal. Assim, este estudo não perdeu de vista tais unidades constitutivas, apoiando-se nas afirmações de Corôa (1985) e de Longo (1990), de que as interpretações dos verbos (tempo, modo e aspecto) no sintagma, na frase e no texto são **solidárias**.

Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica (Casanova, 1992; Kato, 2002; Schirmer, 2004) e observamos que o **verbo** e a noção de **tempo** estão presentes entre os fatores que se modificam ao longo da evolução da linguagem na criança, caracterizando esse processo.

Para ilustrar as hipóteses levantadas pelos autores estudados, verificamos o uso dos **verbos** e da categoria **tempo** na fala de crianças. Dessa forma, montamos um pequeno *cópus* formado por transcrições de diálogos entre crianças de dois a cinco anos para exemplificarmos o nosso estudo.

2. O MODELO GERATIVISTA

O homem tem a capacidade de falar uma língua devido a um “aparato genético” que ele possui: a faculdade da linguagem. É essa *faculdade da linguagem* que diferencia o homem dos demais animais.

Chomsky (1970) postula que a mente/o cérebro humano é **modular**, isto é, é composta por “módulos” ou “órgãos” responsáveis por diferentes atividades, o que equivale a dizer que a parte do cérebro/da mente que lida com a língua tem especificidades frente àquela que lida, digamos, com a música

Segundo esse lingüista, mesmo dentro da faculdade da linguagem temos **módulos** diferenciados para lidar com diferentes tipos de informação lingüística, por exemplo: um módulo para lidar com a determinação da referência dos pronomes e outro para lidar com os verbos.

Essa concepção de linguagem inata ao homem caracteriza o modelo gerativista. De acordo com esse modelo teórico, a faculdade da linguagem é composta por:

- ✓ **Princípios**: que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais;

✓ **Parâmetros:** que são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas. Uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural; uma sentença que não atende a uma propriedade paramétrica pode ser gramatical em uma língua e agramatical em outra. Ex.: **parâmetro do sujeito nulo** (explicado a seguir). Cabe ressaltar que essas noções já podiam ser vistas na gramática de Port Royal².

Os **princípios** e os **parâmetros**, sem valores fixados, constituem a **gramática universal** (*UG*, do inglês *Universal Grammar*). À medida que os parâmetros vão sendo fixados, vão se constituindo as gramáticas das línguas, como veremos na seção sobre aquisição da linguagem.

Para exemplificar esse conceito, utilizaremos novamente a questão do sujeito nulo. Existe um princípio que enuncia que todas as sentenças finitas têm *sujeito*. Associado a esse princípio existe o de **Parâmetro do Sujeito Nulo**: em certas línguas como o inglês, este sujeito tem de ser pronunciado; em outras, como o português nem sempre o sujeito é pronunciado.

(01) Ø Chove (português)

(02) It rains (inglês)

Para as essas línguas, temos um parâmetro que diz respeito ao fato de o sujeito poder ou não ser nulo nas sentenças finitas. Para o parâmetro são considerados dois valores: o inglês (02) apresenta o valor negativo do parâmetro (não apresenta sujeito nulo) e o português (01), valor positivo (apresenta sujeito nulo).

O que permite ao falante decidir, então, se uma sentença é gramatical ou não, é o conhecimento que ele tem (competência). Quando o falante põe em uso a competência para produzir as sentenças que ele fala, o resultado é a performance (ou desempenho). *O papel da teoria gerativista é descrever e explicar a competência lingüística do falante, explicitando os mecanismos gramaticais que subjazem a ela* (Mioto et al., 2000, p. 27).

² ARNOULD, A. LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

3. AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Uma das linhas de investigação do processo de aquisição da linguagem é a do quadro gerativista, com a concepção de que há uma dotação genética que nos capacita a adquirir e usar uma língua.

A visão de aquisição, segundo essa proposta de **Princípios e Parâmetros**, prevê que a tarefa da criança para adquirir uma língua é a de “marcar” de alguma forma aquilo que é específico a sua língua, devido a determinadas possibilidades preexistentes, e assim, desenvolver um certo sistema de conhecimento, representado de alguma forma em sua mente.

De acordo com a teoria gerativista, o estágio inicial da criança é a UG – uma previsão daquilo que é comum a todas as possíveis línguas naturais (propriedades descritas no modelo através dos princípios), além da variação que pode ser encontrada entre elas (os parâmetros):

A associação dos princípios da UG com certos valores paramétricos gera um sistema gramatical particular, ou seja, uma dada língua. Tem-se que a UG deve refletir de maneira universal a estrutura ou organização da mente humana. (Moto et al, 2000, p. 35)

Tais princípios são geneticamente determinados, passando a aquisição de linguagem a ser vista como a “formatação” da faculdade da linguagem através da fixação dos valores dos parâmetros previstos na UG. Como dissemos acima, a UG é, nesse sentido, um quadro do estágio inicial da aquisição (conhecido como S_0) e o seu produto seria o estágio final da aquisição; em outras palavras, o estágio em que a criança atinge a gramática adulta de sua língua (S_S) (do inglês *steady stage*).

Vale, contudo, lembrar que esse conhecimento é a Língua-I e sua medida é **individual**, ou seja, não há a pressuposição de que a gramática da criança seja igual àquela dos adultos de quem recebeu o *input* (dados lingüísticos que uma criança é exposta).

O que ocorre, então, no processo de aquisição é uma “filtragem” do *input* através da UG. Essa “filtragem” serve para “formatá-la” através da marcação de um determinado valor paramétrico. Estando todos os valores paramétricos marcados, tem-se uma determinada Língua-I.

Como vimos anteriormente, acima, há línguas que permitem que a posição de sujeito fique vazia (como o italiano, o português) e línguas que não permitem isso, ou seja, línguas de sujeito obrigatório (como o inglês).

(03) a. *It rains*

Chove

b. * *rains* (Míoto et al, 2000, p. 37)

Caberia à criança decidir qual dos dois valores se aplica a sua língua. Podemos esquematizar esse parâmetro como (03'):

(03') a. *sujeito nulo* *valor [+]* para o parâmetro

b. *sujeito obrigatório* *valor [-]* para o parâmetro

se a criança estiver exposta ao inglês, vai ter várias evidências no *input* de que sua língua se encaixa em (03'b.).

Esse processo é natural e inconsciente. Seria mais uma acomodação do sistema aos dados, do que qualquer outra coisa, já que o sistema inicial (a UG) é capaz de dar conta de todo e qualquer dado pertencente às línguas naturais.

É isso que ocorre com o emprego dos verbos no desenvolvimento da criança, como veremos a seguir, inicialmente, usa formas mais simples que vai selecionando e empregando segundo o *input* que vai recebendo (inclusive para fazer as conjugações verbais).

4. O DESENVOLVIMENTO DE ESTRUTURAS MORFOSSINTÁTICAS NA CRIANÇA

Como vimos na seção anterior, baseados na concepção de aquisição da linguagem gerativista, a aprendizagem do código lingüístico se baseia no conhecimento adquirido em relação a objetos, ações, locais, propriedades, etc., resultando da interação complexa entre as capacidades biológicas inatas (competência) e a estimulação ambiental e evoluindo de acordo com a progressão do desenvolvimento neuropsicomotor.

Devemos lembrar que a aquisição da linguagem é específica da espécie humana e uniforme na espécie, sendo que toda pessoa normal aprende uma língua humana. Porém, é importante observamos que a aquisição da linguagem e a comunicação desenvolvem-se segundo etapas, que podem variar de um sujeito para outro, respeitando os limites individuais ou momentâneos de cada um.

5. ETAPAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: O USO DO VERBO E DO TEMPO VERBAL

É importante que se tenha conhecimento dessas etapas de desenvolvimento normal da comunicação e da linguagem como uma perspectiva útil para melhor situar a criança, para avaliar seu progresso de desenvolvimento.

Sobre a evolução da linguagem na criança, Carrol (1969, p. 36) afirma que:

O desenvolvimento do vocabulário de uma criança é inicialmente muito vagaroso; seis meses depois que disse a sua primeira palavra “significativa”, poderá ainda conhecer, somente um pequeno número de palavras.

Casanova (1992) apresenta uma tabela com quatro etapas (estágios) de desenvolvimento da linguagem, mostrando os principais traços (os aspectos morfosintáticos) que caracterizam as etapas da evolução normal da linguagem, de acordo com a idade em meses.

Sucintamente, esses quatro estágios seriam os seguintes:

(a) a *pré-linguagem*:

A criança, do zero aos seis anos, produz as vocalizações não lingüísticas. Essas vocalizações são fatores biologicamente condicionados, ou seja, os primeiros sons produzidos, de forma repetitiva não são linguagem propriamente dita, mas uma espécie de treinamento do aparelho fonador, o balbucio.

Dos seis aos nove meses, as vocalizações começam já a adquirir algumas das características essenciais da linguagem propriamente dita, como a entonação, o ritmo, o tom, etc.

Dos nove aos dez meses, na fase da pré-conversação, a criança vocaliza, com mais intensidade, naqueles momentos ou intervalos em que é deixada livre pelo adulto.

Já estará procurando ela espaçar e encurtar mais as vocalizações, para dar espaço ou lugar às respostas advindas do adulto.

Dos onze aos doze meses, a criança é capaz de compreender algumas das palavras que lhe são mais familiares (p. ex. *mamãe, papai, nenê*, etc). As vocalizações tornam-se mais precisas, sendo exercido um melhor controle da altura do tom assim como da intensidade. Já é capaz de agrupar sons e sílabas, repetindo-as a vontade.

Merleau-Ponty (1990 [1949]), baseando-se em Grégoire (1933), ao escrever sobre consciência e aquisição da linguagem, já afirmava que a partir dos dois meses e meio a criança começa os seus primeiros balbucios e depois no período seguinte entre nove e dezoito meses começa a linguagem falada.

(b) o *primeiro desenvolvimento sintático*:

Dos doze aos dezoito meses, começam a surgir as primeiras palavras funcionais. É nesta fase, a das primeiras palavras, que, normalmente, dá-se um prolongamento semântico (p. ex. *a criança chama de cachorro a todos os animais que enxergua*). Há um crescimento na quantidade de compreensão e na quantidade de produção de palavras.

Dos dezoito aos vinte e quatro meses (dois anos), começam a surgir as construções frasais compostas de dois ou mais elementos. É um período de transição, no qual as seqüências de uma só palavra surgem reunidas, muito embora sem a característica de coerência prosódica que caracteriza uma oração. A criança costuma deixar um espaço, uma pausa entre as palavras (p. ex. *papai // aqui; mais // trem*).

Surgem as primeiras flexões (p. ex. *plural*). As orações negativas começam a ser empregadas por meio da palavra *não*, isolada ou colocada no final ou no princípio do enunciado (p. ex. *durmi não*). É também o período em que começam a surgir as primeiras construções interrogativas (por exemplo: *Quê? Onde?*) primitivas.

Dos vinte e quatro meses (dois anos) aos trinta meses (dois anos e meio), tem início as seqüências de três elementos com estrutura principal substantivo-verbo-substantivo (S-V-S). Nesse período, a criança começa a utilizar os **verbos** para produzir seus enunciados e, assim, poder se comunicar. Essa fase é chamada comumente de *fala telegráfica*, por não fazerem parte do discurso as principais palavras-função, como artigos, preposições, flexões do gênero, número, pessoa e tempos verbais, que não aparecerão até o final desse período. Veremos exemplos dessa etapa do desenvolvimento da criança na seção quatro.

(c) a *expansão gramatical propriamente dita*:

Dos trinta (dois anos e meio) aos trinta e seis meses (três anos), a estrutura da frase da criança vai tornando-se mais complexa, mais aperfeiçoada, chegando à combinação de quatro elementos. Surgem as primeiras frases coordenadas (por exemplo: *papai não está e mamãe não está*). Há um sensível aumento na frequência de emprego das principais flexões, gênero, número, plural, enquanto vão aparecendo outros usos dos verbos: emprego de formas rudimentares dos verbos auxiliares *ser* e *estar* (por exemplo: *nenê não está*). Também é nesta fase que se dá o aparecimento e o uso mais sistemático dos pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa (eu, tu, ele, ela) e dos artigos definidos (o, a). É perceptível o emprego de diversas frases simples; começam a surgir os advérbios de lugar combinados em orações de forma coerente (por exemplo: *Alex está detrás da porta*).

Dos trinta e seis (três anos) aos quarenta e dois meses (três anos e meio), a criança aprende a estrutura das orações complexas, de mais de um período, com o uso notavelmente freqüente da conjunção *e*; aparecem as subordinadas *mas*, *porque* e as estruturas comparativas *mais que*. Segundo Casanova (1992), já estão presentes as noções iniciais do uso dos relativos *que* (por exemplo: *nenê que chora*). Já se dá também o uso dos negativos com integração da partícula negativa na estrutura da frase (por exemplo: *o menino não dormiu*). Há um aumento considerável na complexidade das frases interrogativas; os auxiliares *ser* e *ter* são empregados, na grande maioria das vezes, em sua forma correta, o que possibilita à criança o uso do passado composto.

De acordo com o autor, nessa fase a criança também inicia o emprego das *perífrases* de futuro. Nessa etapa, a criança já aprendeu os recursos mais essenciais de sua língua, ainda que a sua vasta gama de tipos e construções de orações continue apresentando uma grande quantidade de erros, do ponto de vista do adulto e uma série de estruturas que necessitam ainda de mais aprendizagem e treinamento. A criança já é capaz do exercício de brincar com a linguagem e, freqüentemente, passa a exibir-se ou mostrar-se, com seu modo de empregá-la.

Dos quarenta e dois (três anos e meio) aos cinqüenta e quatro meses (quatro anos e meio), as diversas estruturas gramaticais completam-se mediante o sistema pronominal (me, te, se), os pronomes possessivos, os verbos auxiliares, etc. – existe uma eliminação lenta, mas progressiva dos erros sintáticos e morfológicos. Começam a aparecer as estruturas da voz passiva, assim como algumas outras formas ainda mais

complexas de introdução de frases nominais (depois de, também, etc); estas estruturas, no entanto, não estarão completamente consolidadas até que sobrevenha a idade compreendida em torno dos nove ou dez anos. O uso correto das principais flexões verbais; o infinitivo, o presente, o pretérito perfeito, o futuro (em forma de perífrase) e o passado, ainda que as crianças expressem mais as características da aparência como uma ação duradoura, ou não duradoura – comido/comendo – mais do que da forma correta do verbo. As diferentes modalidades possíveis no discurso (afirmação, negação, interrogação) vão tornando-se cada vez mais refinadas e mais complexas. Os advérbios de tempo passam a ser empregados com maior frequência (agora, depois, hoje, amanhã, etc), ainda que subsistam muitas confusões no modo de empregar os advérbios temporais e espaciais.

(d) as *aquisições posteriores* (últimas aquisições):

Aos cinquenta e quatro meses (quatro anos e meio), a criança aprende as estruturas sintáticas um pouco mais complexas; passivas, condicionais, circunstâncias de tempo. Aperfeiçoa aquelas com as quais já estava familiarizado. Além disso, diversas estruturas de frase vão aperfeiçoando e generalizando-se (diversos usos da voz passiva, conexões adverbiais), não chegando, porém, a uma completa aquisição até os sete ou oito anos de idade, aproximadamente. As crianças começam a apreciar os diferentes efeitos de uma língua ao usá-la (adivinhações, piadas, etc.) e a julgar a correta utilização de sua própria linguagem. .

É importante destacar que aos sete anos, com início do processo da alfabetização, a criança passa a ter o que Kato (2002) chama de *fala₂*, produzindo enunciados cada vez mais complexos, reflexos, pelo menos parcialmente, do seu desenvolvimento da escrita (cf. seção **5.1. Algumas diferenças entre a fala e a escrita** deste trabalho).

Outro estudo realizado sobre as etapas de desenvolvimento da linguagem foi o de Schirmer et al. (2004). De acordo com essa pesquisa, desenvolvida na PUCRGS e publicada no **Jornal de Pediatria** (volume 80) da **Sociedade Brasileira de Pediatria**, assim como vimos em Casanova (1992), as crianças de diferentes culturas parecem seguir o mesmo percurso global de desenvolvimento da linguagem, com exceções dos casos de crianças com problemas de aquisição da linguagem.

Na evolução da linguagem, para Schirmer et al. (2004), existem apenas duas etapas distintas, e não quatro, como observamos em Casanova (1992). Essas duas etapas seriam as seguintes (Schirmer et al, 2004, p. 96):

(a) a **pré-lingüística**, em que são vocalizados apenas fonemas (sem palavras) e que persiste até aos 11-12 meses,

(b) a **fase lingüística**, quando a criança começa a falar palavras isoladas com compreensão. Posteriormente, a criança progride na escalada de complexidade da expressão.

As características dessas duas etapas podem ser visualizadas na **Tabela I** abaixo (Schirmer et al, 2004, p. 96):

FASES	RECEPTIVO	IDADE	EXPERESSIVO
pré-lingüística	✓ Assusta-se. ✓ Aquieta-se ao som de voz	0 - 6 semanas	✓ Choros diferenciados e sons primitivos. ✓ Aparecem os sons vogais (V)-
	✓ Vira-se para a fonte de voz ✓ Observa com atenção objetos e fatos do ambiente	3 meses	✓ Primeiras consoantes (C) ouvidas são p/b e k/g. ✓ Inicia balbucio.
	✓ Responde com tons emotivos à voz materna	6 meses	✓ Balbucio (seqüências de CVCV sem mudar a consoante). Ex.: “dudadá”.
	✓ Entende pedidos simples com dicas através de gestos ✓ Entende “não” e “tchau”.	9 meses	✓ Imita sons. ✓ Jargão. ✓ Balbucio não-reduplicativo (seqüência CVC ou VCV).
	✓ Entende muitas palavras familiares e ordens simples associadas a gestos Ex.: “vem como papai / mamãe”	12 meses	✓ Começa a dizer as primeiras palavras, como “mamã”, “papá”
	✓ Conhece algumas partes do corpo. ✓ Acha objetos a pedido. Brincadeira simbólica com miniaturas	18 meses (1 ano e meio)	✓ Poderá ter de 30 a 40 palavras ✓ (“mama”, “bebê”, “miau”, “pé”, “ão-ão”, “upa”). ✓ Começa a combinar duas palavras (“dá papa”).
	Seque instruções envolvendo dois conceitos verbais (os quais são substantivos). Ex.: “coloque o copo na caixa”.	24 meses (dois anos)	✓ Tem um vocabulário de cerca de 150 palavras ✓ Usa combinação de duas ou três.
lingüística	✓ Entende primeiros verbos. Entende instruções envolvendo até três	30 meses (dois anos e meio)	✓ Usa habitualmente linguagem telegráfica (“bebê”, “papá pão”, “mamã

	conceitos. Ex. “coloque a boneca grande na cadeira”.		vai papa”).
	✓ Conhece diversas cores. ✓ Reconhece plurais, pronomes que diferenciam os sexos, adjetivos (Ex: <i>horrível / horrívia</i>) ³	36 meses (três anos)	✓ Inicia o uso de artigos, plurais, preposições e verbos auxiliares.
	✓ Começa a aprender conceitos abstratos (duro, mole, liso) ✓ Linguagem usada para raciocínio ✓ Entende “se”, “por que”, “quanto” ✓ Compreende 1.500 a 2.000 palavras	48 meses (quatro anos)	✓ Formula frases corretas, faz perguntas usa a negação, fala de acontecimentos no passado ou antecipa outros no futuro.

Tabela I – Desenvolvimento da linguagem

Como podemos verificar, esse processo de desenvolvimento, tanto para Casanova (1992) quanto para Schirmer et al. (2004), é contínuo e ocorre de forma ordenada e seqüencial, com sobreposição considerável entre as diferentes etapas deste desenvolvimento.

Apesar de Casanova dividir, como mencionado anteriormente, em quatro fases o processo de desenvolvimento da linguagem (*pré linguagem, primeiro desenvolvimento sintático, expansão gramatical propriamente dita, aquisições posteriores*) e Schirmer et al em duas (*pré lingüística e lingüística*), podemos perceber que elas se correspondem: a etapa da *pré linguagem*, de Casanova, equivale a *pré lingüística*, de Schirmer et al; e as duas etapas *primeiro desenvolvimento sintática e expansão gramatical propriamente dita*, de Casanova, correspondem a fase que Schirmer et al nomeou como *lingüística*.

Já a fase *aquisições posteriores* classificada por Casanova, não possui correspondente nas pesquisas de Schirmer et al, pois este último **não** observou quais seriam as características lingüísticas em crianças que possuem quatro anos e meio, última idade observada por Casanova e que representa, assim, a fase das *aquisições posteriores ou últimas aquisições*.

O processo de desenvolvimento da linguagem, concordando como Schirmer et al. (2004), envolve o desenvolvimento de quatro sistemas interdependentes (Schirmer et al., 2004, p. 97):

³ Exemplo nosso.

- o **pragmático**, que se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social;
- o **fonológico**, envolvendo a percepção e a produção de sons para formar palavras;
- o **semântico**, respeitando as palavras e seu significado;
- o **gramatical**, compreendendo as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis.

É importante ressaltar que os sistemas fonológico e gramatical conferem à linguagem a sua forma. O sistema pragmático descreve o modo como a linguagem deve ser adaptada a situações sociais específicas, transmitindo emoções e enfatizando significados.

Como pudemos observar, a classe gramatical dos verbos e a noção de tempo estão entre os fatores observadas por Casanova (1992) e Schirmer et al (2004) que caracterizam o desenvolvimento da linguagem na criança. Antes de verificarmos como isso aparece na análise de alguns diálogos de crianças de dois a cinco anos, serão discutidas algumas questões sobre a classe gramatical dos **verbos** e a categoria **tempo**.

5.1 ALGUMAS DIFERENÇAS ENTRE A FALA E A ESCRITA

Como vimos, a criança, durante o seu processo de aquisição da língua, utiliza estruturas (gramaticais/frasais) **mais simples** que vão, ao longo do seu desenvolvimento lingüístico, tornando-se **mais complexas**.

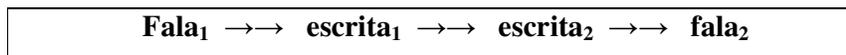
Brown (1981 apud Kato, 2002) distingue dois tipos de fala: um anterior à experiência escrita e outro posterior a essa experiência. Segundo o autor existem variáveis que podem determinar as diferenças entre a fala pré-letramento e a fala pós-letramento, como verificamos na **Tabela II** (Kato, 2002, p. 22):

a) características sintáticas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ o quantidade e tipo de estruturas ✓ o extensão dos períodos ✓ o desvios em relação à norma culta
b) características lexicais	<ul style="list-style-type: none"> ✓ o densidade lexical ✓ o limitação vocabular ✓ o desvios em relação à norma culta
c) características morfológicas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ o uso do verbo: de tempo, tipos de modais ✓ o uso de negação ✓ o concordância ✓ o desvios da norma-padrão

Tabela II - Diferenças entre a fala pré-letramento e a fala pós-letramento

Segundo Kato (2002), baseando-se nos estudo de Brown, depois da alfabetização, a linguagem oral é afetada pela linguagem escrita. A consciência lingüística que eles possuem, segundo a autora, provém muito mais do que eles fazem ao escrever ou ler do que daquilo que eles fazem ao falar ou ouvir.

Para sustentar a afirmação de que a fala e a escrita são parcialmente isomórficas, mas que, na fase inicial, é a escrita que tenta representar a fala (o que faz de forma parcial) e, posteriormente, é a fala que procura simular a escrita, (parcialmente), Katosugere o seguinte esquema (cf. Kato, 2002, p. 11):



Neste esquema vemos que a fala₁ é a fala pré-letramento; a escrita₁ é aquela que pretende representar a fala da forma mais natural possível; corresponde a fala das crianças nas etapas (Casanova, 1992, Schirmer, 2004) de aquisição de linguagem mencionadas anteriormente. Já a escrita₂ é a escrita que se torna quase autônoma da fala, por meio de con venções rígidas; a fala₂ é aquela que resulta do letramento.

A partir dessa hipótese, torna-se mais fácil entender por que os letrados concebem a fala segundo o que sabem da escrita.

Além disso, podemos observar também que o emprego dos verbos (uso dos tempos e modo) é uma variável para diferencial a fala pré-letramento e a fala pós-letramento.

6. EXEMPLIFICAÇÕES

Nesta seção, como mencionamos no início deste trabalho, para verificar e ilustrar as afirmações feitas por Casanova (1992) e por Schirmer (2004), transcrevemos alguns diálogos de crianças (cf. **Anexo**) entre dois anos e cinco anos e os analisamos de acordo com as hipóteses desses autores.

Ao longo deste trabalho, pudemos observar que as crianças de dois anos de idade, como atestaram Casanova (1992) e Schirmer (2004), possuem uma fala estrutura com frases do tipo **complemento + verbo + complemento** (*fala telegrafada*). Esse estrutura frasal, com o verbo como núcleo oracional, pode ser encontrada em exemplos como:

(04) *Nenê quê ‘uco’ (suco)* (Situação G)

(05) *...queio papa* (Situação G)

Nessas sentenças, podemos verificar que o verbo ainda não está conjugado corretamente, mas a criança consegue passar a idéia de uma ação temporalmente fixada no presente. Além disso, a criança emprega o verbo (querer) sem erro, com seus dois argumentos: o sujeito, *nenê* no exemplo (04), e *eu* em (05); e o complemento verbal *suco* em (04), e *papa* em (05)

Nas crianças de três anos, identificamos frases como:

(06) *Ele é feio.* (Situação I)

(07) *Ele é bobo.* (Situação I)

Nessa fase, observamos que muitas das estruturas com verbo produzidas pelas crianças são com verbos de ligação, principalmente, o verbo *ser*.

Já, entre os diálogos das crianças de três anos e meio e quatro anos, como ressaltaram Casanova (1992) e Schirmer (2004), verificamos o emprego coerente da categoria **Tempo**, por meio de estrutura menos complexas, como por exemplo:

(a) expressando *passado* com formas simples: pretérito perfeito simples:

(08) C1: *É di morangu.....eu coloqui morangu aqui ô.....* (Situação A)

(b) expressando *passado* com forma composta:

(09) C4 a gente **foi** na casa dele ...mas só **tinha** um palhaço ... o outro **tinha ido embora**... (Situação H)

(c) expressando futuro com perífrases:

(10) C1: aqui ô... **vô acendê**...(Situação A)

Entre as crianças de quatro anos e meio encontramos, em suas falas, uma construção um pouco mais complexa, com orações ligadas por conectivos e com perfeita ordenação temporal, veja os exemplo:

(11) C6: a barata **correu** atrás de nois tia, i então ela **pulou** no C, depois **caiu** no chão de novu e **saiu** correndu... (Situação D)

Cabe destacar que em algumas formas verbais, a criança para flexioná-la , faz associação com outras formas que ele já conhece:

eu **di**> eu com**i**
eu coloku**i** > eu com**i**.

Nesse caso, percebemos que a criança tem a noção de tempo *passado* e flexiona o verbo com um morfema que ele acredita marca *passado*

Constatamos também, dentro dos diálogos analisados, a predominância das seguintes formas verbais: (i) o Presente, (ii) Perfeito Simples do modo Indicativo, e (iii) para as formas perifrásticas (ir + infinitivo), para indicar futuro. Além do emprego de verbos mais produtivos na língua, como os verbos *comer*, *dar*, *pôr*, *ser* e *ter* (cf. Barbosa, 2000).

Portanto, podemos concluir que a medida que a criança vai crescendo e desenvolvendo sua linguagem, de acordo com o *input* que ela recebe e seleciona, o uso dos verbos em sua fala vai aumentando, assim como as estrutura oracionais e a organização temporal vão se tornando cada vez mais complexas e coerentes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pudemos observar que a criança começa a empregar o **verbo** em sua fala por volta dos dois anos, construindo estruturas mais simples (sujeito + verbo + complemento). Antes dessa fase, nos primeiros dois ou três meses de vida, a criança produz os seus primeiros sons que, provavelmente, não fazem parte do desenvolvimento da linguagem propriamente dita; mas são comparados aos primeiros exercícios executados nas cordas vocais.

Nessa fase inicial, da produção de sons, vimos que a criança começa com chamado balbucio, ou a repetição incansável de sons, vocalização aparentemente ocasional. Depois, com aproximadamente um ano de idade, começam a ser pronunciadas as primeiras palavras, e a partir da segunda metade do segundo ano de vida o vocabulário cresce de forma rápida. E, em torno dos dois anos, a criança já é capaz de construir sentenças novas, com preposições, plurais, verbos (com noção temporal), interrogações e negativas.

A partir de nossos estudos pudemos demonstrar que as crianças são capazes de aprender e de formar conceitos de classes de formas já nas primeiras fases de desenvolvimento da linguagem: os substantivos, em que a maioria são objetos concretos; e os **verbos**, objeto de estudo desse trabalho, em que a maioria são ações físicas observáveis (colocar, pôr, dar) e verbos de estado (ser).

Com a análise de alguns diálogos, no capítulo quatro, conseguimos ilustrar as fases de evolução da linguagem na criança, enfocando o aparecimento e desenvolvimento do uso dos verbos.

Com essa pesquisa pudemos também confirmar a hipótese (por exemplo, cf. Kato, 2002) que a criança, durante o seu processo de aquisição da língua, utiliza estruturas (gramaticais/frasais) **mais simples** que vão, ao longo do seu desenvolvimento lingüístico, tornando-se **mais complexas**.

Cabe ressaltar que essa pesquisa não é quantitativa, mas sim qualitativa, e procurou levantar, por meio de revisão bibliográfica, estudos que demonstrassem a utilização do **verbo**, que consideramos central na oração (núcleo oracional), na evolução na linguagem das crianças.

Assim, podemos afirmar que nossa pesquisa não é exaustiva nem definitiva, possui caráter exploratório, servindo como ponto de partida para outros possíveis

trabalhos, afinal, como afirmou Monteiro: *tudo no mundo é questão de linguagem e interpretação*⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

1. BARBOSA, Juliana Bertucci. *O verbo no português contemporâneo do Brasil: aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos*. Relatório do projeto PIBIC/CNPq. ms, 2000.
2. BARBOSA, Juliana Bertucci. *Os tempos do pretérito no português brasileiro: perfeito simples e perfeito composto*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 2003.
3. BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 2 ed. Trad. BLIKSTEIN, Izidoro. São Paulo: Cultrix/USP, 1972.
4. BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral*. Trad. de Maria da Glória Novak e Luísa Néri. São Paulo: Nacional, 1974.
5. BORBA, Francisco da Silva. *Uma gramática de valências para o português*. São Pau: Ática, 1996.
6. CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüísticas*. São Paulo: Scipione, 2001
7. CAMARA JR., Joaquim Mattoso *Estrutura da língua portuguesa*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
8. CARROL, John B. *Psicologia da Linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
9. CASANOVA, J. Pena. *Manual de Fonoaudiologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
10. CHOMSKY, Noam et al. A linguagem e a mente. In: LEMLE, Miriam. *Novas perspectivas lingüísticas*. Rio de janeiro: Vozes, 1970, p. 28-41.
11. CHOMSKY, Noam. (1928). *Reflexões sobre a linguagem*. Trad. VOGT, Carlos, et al. São Paulo: Cultrix, 1980.

⁴ MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 3 ed. Campinas: Pontes, 1991.

12. COROA, Maria Luiza. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: introdução a sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.
13. FIORIN, José. Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1995.
14. GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
15. HJELMLEV, Louis. (1961). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
16. KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.
17. LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. *A auxiliaridade e a expressão do tempo em português*. Doutorado. Araraquara: UNESP, 1990.
18. LYONS, John. *Língua(gem) e Lingüística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
19. MELO, Gladestone. Chaves. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
20. MENYUK, Paula. *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem*. São Paulo: Pioneira, 1975.
21. MIOTO, Carlos et al. *Manual de sintaxe*. 2 ed. rev. Florianópolis: Insular, 2000.
22. PEREIRA, E. C. *Gramática histórica*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1927.
23. SCHIRMER, Carolina et al. Distúrbio da aquisição da linguagem e da aprendizagem. In: *Jornal da pediatria*. Vol 80. nº 2. Rio de Janeiro, 2004, p. S95 – S103.
24. SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Curso de Lingüística Geral*. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
25. VIGOTSKI, Lev. Semenovich, LURIA, Alexander Romanovich. & LEONTIEV, Alexis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. VILLALOBOS, Maria da Penha. 7 ed. São Paulo: Ícone, 2001.